

---

*A sexualidade na aurora do século XXI*

Sonia Alberti (Org.)

Rio de janeiro: Companhia de Freud, 2008, 428 págs.

## A sexualidade na aurora do século XXI

Andréa Hortélio Fernandes

---

O livro *A sexualidade na aurora do século XXI* convida a um retorno aos primórdios da psicanálise. O tema da sexualidade aflora desde esta época, mas será com a psicanálise propriamente dita que sua relevância será destacada. No artigo “Um estudo autobiográfico”, Freud (1925) declara que “a teoria da castração não tinha muito a dizer sobre o tema da sexualidade”. Preocupada em proporcionar uma ab-reação a partir da fala dos pacientes, esta teoria deixava de lado a pedra angular da teorização freudiana, o recalque. Três séculos depois a sexualidade ainda promove debates entre os psicanalistas. O presente livro é o resultado de uma semana da discussão sobre a atualidade do tema na aurora do século XXI.

Existiria algo de peculiar no que diz respeito ao sexo na atualidade? Este questionamento abre a apresentação do livro. Aí é retomado o que Freud já havia se dado conta no texto de 1925,

---

porém, desta vez, Luciano Elia encontra outra forma de tratar do recalque. Ele opta por aproximá-lo do real lacaniano ao apresentá-lo como “o mesmo sexo de sempre: o impossível mais prazeroso da humanidade”. E, lança a questão de como a contemporaneidade lida com esse impossível. Para Luciano Elia, a sexualidade, na contemporaneidade, tem um caráter obsessivo que faz com que haja “a evitação do objeto” que deve ficar a uma distância calculada do sujeito. Porém, ele acredita que para além “da esfera imediatamente sexual”, “desde Freud a sexualidade atravessa tudo, ainda que de modo não-todo”. Com esta frase, Luciano Elia introduz o que será tratado ao longo do livro, ou seja, as diferentes versões possíveis de retomar a sexualidade pelo método de pesquisa e tratamento que Freud denominou psicanálise e que Lacan, com o final do seu ensino, convidou a todos que se interessam pela psicanálise a lidar com o que há de impossível e intratável no sexo.

A parte I, intitulada “A contemporaneidade em nossas referências” está subdividida em três capítulos. O primeiro deles é dedicado ao “Retorno a Freud, com Lacan”. Sonia Alberti nas primeiras linhas do seu texto explicita o título escolhido. Para ela, “existe uma relação implícita dos sintomas psíquicos com os pensamentos inconscientes, com o sexo e com a morte”; o texto sobre “O mecanismo psíquico do esquecimento” serve como ilustração dos impactos destes temas sobre o sujeito do inconsciente que termina apresentando esquecimentos, atos falhos e sintomas. Com Lacan, a autora defende que o sexo e morte tomam o lugar do real como impossível de simbolizar, o que fica explícito no tratamento dado por Lacan ao o esquecimento do nome.

O texto de Nina Leite intitulado “Sexualidade e sexuação” começa com a indagação acerca do que podemos falar do sujeito e da sexualidade, a partir da psicanálise, na aurora do século XXI. Para responder esta questão, ela vai propor que a teoria da psicanálise é sexual. Aponta os textos “Três ensaios sobre a teoria sexual” e “Sobre as teorias sexuais infantis” de Freud, como tendo inaugurado uma maneira singular de pensar o corpo, mas principalmente tendo “vinculado de modo definitivo e inarredável o sexual com a teoria”. Para ela, “a teoria é sexual porque sempre estamos às voltas com a construção de um saber sobre a existência da relação sexual como tal”.

Silvia Amoedo em “Na aurora do século XXI: *Che vuoi* ?- sobre o sujeito e o outro” continua a tratar a teoria como sexual ao utilizar como epígrafe do seu trabalho uma citação de Clarice Lispector onde é dito que se busca “uma verdade inventada”. Silvia vai propor a fantasia fundamental como uma ficção criada pelo sujeito, que traz em si sua verdade. A mesma concepção é partilhada por Maria Helena Martinho, no texto “Bate-se numa criança: a cicatriz do Édipo”. Porém, ela propõe que “atrás da fantasia de espancamento exposta por Freud o que será objeto de construção em análise é a ligação incestuosa com o Pai”. A te-

mática da fantasia teve um lugar de destaque nas discussões durante o encontro e é retomado na Parte III do livro.

A problemática do sujeito continua a ser abordado no Capítulo 2 dedicado ao “Sujeito e objeto”. Antonio Quinet em “Sujeito: uma neo-latusa” vai destacar que Freud “ao inserir o conceito de castração no sexo, na vida e na morte, ele faz da castração sujeito, fazendo-o emergir como ser-para-o-sexo”. No entanto, no mundo atual, o laço predominante é o capitalismo e a relação passa a ser entre sujeito e objeto, “que o *marketing* propõe como objetos da pulsão”. O texto promove a seguinte pergunta: estes objetos tomam a via de tamponar o real da castração?

A leitura do texto de Tânia Rivera, “Incertas relações: sujeito e objeto na contemporaneidade” mostra que a psicanálise persiste mesmo no mundo capitalista e isso tem relação com o sexo. Ela toma uma citação de Lacan para afirmar que os analisandos falam de sexo, “daquilo que não funciona perfeitamente, nem entre os parceiros sexuais, nem entre familiares e amigos”. Ela, então, ressalta que “o objeto *a* marca essa falta, esse fracasso de contato definitivo, de união sem falhas com o outro”.

O capítulo 3 trará para discussão a “Adolescência e o encontro com o real do sexo”. Fernanda Moura Costa traz uma contribuição importante para o tema da adolescência ao extrair de Lacan a proposição de uma “função ética do erotismo”, “na medida em que é na emergência, na efetuação do desejo sexual que se organiza uma certa inacessibilidade do objeto que constitui e dá lugar ao “vazio central” que engendra o desejo em nós”. Encontra-se aí uma possível leitura da já tão discutida “crise da adolescência” que será abordada também no texto de Glória Sadala “O sexo e o mal-estar na adolescência”.

A parte II – “A mãe, a mulher e o objeto” – começa com o texto “Crítica da fantasia fundamental” de Genevieve Morel, extraído de uma de suas conferências proferidas durante o encontro. Nele Genevieve faz uma crítica a fantasia fundamental por meio da teorização de Lacan sobre o *sinthoma*. Elizabeth da Rocha Miranda constrói em “Do sintoma ao *sinthome*: o que não faz sintoma” tem mesmo enfoque do de Morel, ao defender que no *sinthoma*, o sintoma não faz questão.

A psicanálise e criança será o foco dos próximos textos. Malvine Zalberg em “No começo há o gozo e o desejo da mãe” retoma outra conferência sobre “A lei da mãe e o sintoma separador” de Genevieve Morel, para mostrar a necessidade de que algo venha a barrar esta situação frente ao risco de comprometimentos no advento do sujeito. Já que separar-se da lei da mãe é custoso, Adriana Bastos em “O monstro: “uma lei da mãe?”” tenta ilustrar isso a partir de um recorte de um caso clínico. Ainda enfocando esta temática, Sheila Abramovitch e Maria Claudia Maia em “Acerca da sexualidade de uma criança autista” levantam a hipótese de que, “em alguns casos, a criança autista, através de uma metáfora

delirante, pode vir a fazer algum tipo de “sintoma separador”, e assim se separar do gozo incestuoso e mortífero do Outro materno e as autoras trazem um caso clínico como ilustração.

O capítulo 5 intitulado “O Outro gozo” tem um texto inicial “A verdade que não quer saber apesar de...”, de Nadiá Ferreira, que retoma a apresentação e o que vem sendo desenvolvido ao longo do livro ao falar do recalque e do seu retorno nas formações do inconsciente que demonstram ser a teoria sexual. É justo sobre o que retorna sempre que os dois próximos textos “Alguns vínculos entre voz, música, sexualidade e morte: o canto das divas e dos *castrati*” de Renata de Azevedo e “Eva Tagarela: criação, criacionismo e posição feminina” de Sonia Borges centram suas articulações em torno do feminino.

O não querer saber sobre o feminino é bem trabalhado por Marco Antonio Coutinho Jorge no texto “O amor é o que vem em suplência à inexistência”, da relação sexual. Para ele, a partir de Freud e com Lacan, é possível dizer que o amor é a maneira verdadeiramente “mais grosseira de dar a relação sexual”, um significado.

O texto de Carlos Augusto Peixoto Junior “Sexualidades e modos de vida: uma genealogia do presente” busca tratar a vertente criativa própria a cada sujeito propondo um exame da obra de Foucault. Ele conclui então que “no último período da obra foucaultiana” há uma “política fundamental de resistir na medida do possível e ampliar os espaços de liberdade para promover a diferença de maneira cada vez mais criativa”.

Os dois próximos textos “Da perversão à expeação: uma mudança de perspectiva” de Eduardo Frota Neto e Ana Maria Rudge e “A orientação lacaniana em um caso de perversão” de Márcia de Lima vão tratar do tema da perversão, dentro de um enfoque de que “talvez a psicanálise esteja vivendo um certo esforço no sentido de repensar a perversão”. Para aqueles que se interessam pelo tema, os textos trazem discussões atuais e também uma perspectiva histórica.

No Capítulo 7, “Incisões no corpo e transexualidade”, algumas questões contemporâneas da sexualidade são trabalhadas, mais especificamente àquelas que tratam da perversão e dos transexuais. O primeiro texto “Transexuais e transexualistas” de Doris Rinaldi e Virgínia Bittencourt vai nesta direção.

É sobre o corpo, ou melhor, as operações de mudança de sexo bancadas pelo SUS que Maria Anita Carneiro Ribeiro retoma a problemática da transexualidade no texto “Um corpo estranho”.

O tema da iniciação e saber é articulado à relação sexual por Ana Costa. Ela coloca “em causa dois elementos: de um lado, a busca da instituição e coletivização da marca de uma perda, pela entrada na linguagem; de outro, a relação entre esta perda e a instituição de um saber”.

O capítulo 8 é dedicado “As mulheres que escrevem e a Teoria *Queer*”. O artigo de abertura, “Contribuição da psicanálise à discussão sobre o feminino na literatura” indaga se “existiria uma diferença entre o modo como escrevem os homens e as mulheres?” Pergunta que busca introduzir as contribuições da psicanálise à discussão sobre o feminino na literatura. Laéria Fontelle recorre a Virginia Woolf, estudos sobre a produção literária de Clarice Lispector, entre outros.

Vera Pollo em “Histeria, as mulheres e o feminino” examina também o tema do feminino, porém tratando-o pelo viés da histeria. Aponta que não se fazem histéricos como antigamente porque “os sujeitos histéricos são sujeitos de seu tempo e, enquanto sujeito nunca houve dois iguais”. A questão vai ser examinada em paralelo à Teoria *Queer* que vem sendo ministrada por professoras, na sua maioria mulheres, em centros acadêmicos importantes e que discute que “gays e lésbicas, ou lésbicas e homossexuais devem manter-se *queer*, desviante, que não deseja ser integrado muito menos tolerado”. No centro deste debate está a questão do feminino que está para além do sexo biológico.

A teoria *Queer* surge como uma forma de mal-estar no/do século XXI, no próximo texto “Algumas formas de mal-estar no/do XXI: fantasias teóricas sobre o sujeito e a sexualidade” de Ana Vicentini de Azevedo. Este texto volta a discutir a questão das cirurgias sexuais apontando que já em Freud encontramos a diferenciação entre o sexual e o genital. Maria Cristina Poli em “A diferença sexual em psicanálise” retoma esta temática ao afirmar que a dificuldade em abordar o tema da diferença sexual esta atrelado à expectativa de que “alguém possa dizer a verdade sobre a verdade”.

O último capítulo, o Capítulo 9 – “A não-relação na literatura e na arte” discute a impossibilidade de dizer “a verdade sobre a verdade”, ou seja, uma verdade absoluta e, não uma verdade não-toda, promove uma teorização sobre o tema que não se esgota. Fundamentando-se nisso, Heloisa Caldas, em “Saber fazer com a não-relação” vai fazer o exame de algumas “peças literárias indicadas por Lacan ao comentar a questão da diferença sexual”, entre elas, três comédias de Aristófanes e, em seguida, trata de um apólogo de Lewis Carroll “que aponta para a impossibilidade lógica da relação sexual”.

Denise Maurano vai abordar “A estratégia trágica do feminino” através da clássica dualidade Epopéia e Tragédia, buscando “indicar distintas éticas presentes no campo da arte, mas no próprio modo de funcionamento do psiquismo”.

A partir da afirmação de que “o sexual nos confronta com o fora de lugar, com um excesso, com um inconciliável” Edson Luiz André de Souza convida a um mergulho nas “Imagens do fundo poço” retratadas nas pinturas de Lascaux. Utilizará livros de George Bataille para fazer esse exame.

Fechando o livro está o texto “Amor e sexualidade em Frida Kahlo”, de Valéria Rezende. Este texto aponta que frente “o vazio decorrente do enigma do de-

sejo do Outro, Frida vislumbrou” uma “saída: a criação artística que, embora não salve o sujeito do mal-estar na cultura, pode possibilitar-lhe um certo apaziguamento de seu conflito psíquico”.

Esta resenha visa destacar os pontos mais importante e cuidadosamente tratados neste livro que apresenta um enfoque histórico, clínico, teórico, literário e artístico de abordar a sexualidade na aurora do século XXI.

**ANDRÉA HORTÉLIO FERNANDES**

Psicanalista, Doutora em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Paris VII – Denis Diderot, Professora Adjunta da Universidade Federal da Bahia, Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, membro do GT: Dispositivos Clínicos em Saúde Mental da ANPPEP.

Rua Rio São Pedro, 24, apt° 501

40150-350 Salvador, Bahia, Brasil

e-mail: ahfernandes@terra.com.br